

Fichamento de: BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

INTRODUÇÃO

Da leitura da Introdução de seu texto “O que é história cultural?”, Burke nos suscita a sensação de um ser que sinaliza em surdina: a dúvida e o medo.

Dúvida, quanto à própria natureza de sua pesquisa. Dúvida que a define como pesquisa, como não poderia deixar de ser, pois senão seria sério engano. Medo, de ter se tornado hipócrita ao falsear a legítima leitura da realidade. Aquela realidade escrita pelos fundadores do real (objeto último da História), ou seja os materialistas-históricos.

Seria a história cultural a mais lúdica forma de alienação? A História está perdida para sempre, quando a sociedade, pintada em sangue vermelho-bolchevique e negro-fascista, capital x trabalho, já há tanto tempo tremulando nas bandeiras das letras da nossa nau científico-narrativa, é agora deixada de lado: para se recortar o viés culturalista?

Percebe-se a culpa de Burke, como a culpa de Mary Shelley por ter se envolvido com um Frankenstein. Mas é nesta navegação entre riscos no papel, que Burke cria suas corajosas e tateantes hipóteses. Afinal, nomes como Marx, Engels, Lenin, Trotski, Mao, etc... são de meter medo em qualquer um. Nem tudo se desmancha no ar com facilidade.

O tema central da "Introdução", parece ser a questão da transição do núcleo duro, hermenêutico da História, --- da abordagem histórico-econômica ---, para a ressurreição da abordagem cultural dos fenômenos sociais como um todo: “A história cultural, outrora uma Cinderela entre as disciplinas, desprezada por suas irmãs mais bem sucedidas, foi redescoberta em 1970 (...)” (Burke, 2005, p. 7).

Reforça essa visão o exemplo que Burke cita da conversão do cientista político Samuel P. Huntington “à ideia de que no mundo de hoje, as distinções culturais são mais importantes que as políticas e econômica (...)” (Burke, 2005, p. 8).

Também a afirmação de Burke de que “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações.” (Burke, 2005, p. 10), surge como uma espécie de definição do objeto de reflexão da história cultural. O que faria arrepiar os cabelos da nuca dos materialistas-históricos!

Concluindo, seguindo a nossa hipótese de que Burke, na Introdução ao seu livro, além de situar historicamente o problema da gênese e desenvolvimento cronológico da história cultural --- e do que pretende desenvolver em seu texto ---, o autor, se esforça para justificar um projeto que cresce e existe à sombra de uma culpa: marxista, materialista.

Cumpra a nós, historiadores culturais, através de práticas de pesquisa conscientes, abrangentes e consistentes --- em termos de conteúdo humano ---, que envolvam um olhar político, social, crítico mesmo, fazer "desalienar" a nova Cinderela da Kultur.

Tiberio Velassquez
Turma B - Campos Gerais.

SEMANA 2

FICHAMENTO BIBLIOGRÁFICO

CAPÍTULO VI

20/10

O que é história cultural.

Peter Burke, 2001.

Capítulo VI

ALÉM DA VIRADA CULTURAL

(pp. 131-163)

INTRODUÇÃO

(pp. 131-132)

No capítulo VI, Além da virada cultural?, de seu livro “O que é história cultural”, Peter Burke introduz seu pensamento observando que a novidade da Nova História Cultural (NHC) “é um trunfo que se esgota rapidamente.” (p. 131). Sua preocupação é com a ascensão, apogeu e o declínio das publicações da NHC, entre as décadas de 1970 e a primeira década de 2000, onde se insere a publicação do texto que abordamos. Afirma, concluindo o primeiro parágrafo, que “esse tipo de inventário geralmente se segue à fase mais criativa de um movimento cultural.” (Ibid.)

Inicia o segundo parágrafo, ressaltando o aspecto das críticas à NHC, o que poderia redundar numa nova fase da NHC, onde se oscila em termos de expectativas: num abrandamento ou numa radicalidade de sua posições.

No terceiro parágrafo, o autor reflete em termos de previsões para o futuro é conclui, entre outras abordagens, que é “impossível um simples retorno ao passado”, no sentido de que “o futuro será sempre mais que uma simples continuação” das tendências de longo prazo. (p.132).

No quarto parágrafo (e último da introdução do capítulo), diante de tal indefinição do futuro, Burke vê como mais útil “discutir cenários alternativos” (Ibid.), sendo um deles o “retorno de Burkhardt.” (aspas no original), usando o nome do pensador como “um símbolo para o renascer da história cultural tradicional” (Ibid.). Como uma segunda possibilidade, vê a “expansão contínua da nova história cultural para outros domínios.” (Ibid.). Fechando o quarto parágrafo e a introdução do capítulo, o autor aponta para uma terceira possibilidade: “a reação contra a redução construtivista da sociedade, em termos de cultura, chamada de ‘a vingança da história social’” (Ibid.). [O que eu, pessoalmente, acredito inevitável!]

O RETORNO DE BURKHARDT

(pp. 132-134)

Apesar do título do ítem, Burke não acredita que Burkhardt tenha em algum momento, ido embora. A história da alta cultura nunca foi abandonada, mesmo na era do entusiasmo pela cultura popular. Cita Grafton, historiador cultural, como exemplo de pesquisador da tradição clássica.

Cita Schorske e seu "Viena, fin de siècle" (1979), no qual o autor faz um estudo sobre vários escritores significativos da época citada no título de sua obra. O autor se propõe a um "estudo da modernidade, definida em comparação ao historicismo do séc. XIX." (Ibid. p.133). Segundo Burke, o estudo de Schorske tem uma interpretação essencialmente política e posiciona os autores estudados como uma reação ao liberalismo e ao racionalismo.

Burke, no parágrafo seguinte, "profetiza" a ênfase na alta cultura para um possível futuro próximo. Acarretando, inicialmente, um empobrecimento do interesse pela cultura popular e acarretando, num segundo momento, uma interação entre as duas culturas. Esse movimento, teria como consequência a "popularização" (termo meu) da alta cultura, o que reinseriria a alta cultura no campo dos estudos culturais e da história da cultura: o que Burke acredita já estar acontecendo.

Assim, avança a possibilidade de que obras da NHC, possam ser inseridas nesse movimento. Cita Guinzburg e vê sua obra "O queijo e os vermes" como vetor para várias leituras da alta cultura em interação com a cultura popular tradicional. Paradoxalmente, Burke acentua que, na história cultural, muitas vezes, tentativas de reviver a tradição apontam para a produção de algo novo.

POLÍTICA, VIOLÊNCIA E EMOÇÕES

(pp. 134-146)

Outra possibilidade aventada por Burke é a "extensão" da NHC para incluir a abordagem da política, da violência e das emoções. (p. 134)

A HISTÓRIA CULTURAL DA POLÍTICA

(pp. 134-138)

Burke traz de volta o texto de Schorske, como um exemplo dessa tendência. Amplia sua observação com uma interessante visão sobre a política da cultura: coleções dos governantes e empreendimentos nacionalistas no campo da arte e da cultura. (p.135)

Cita, em seguida, as realizações de Getúlio Vargas (1930/1945) em sua "administração cultural", como uma preocupação com a cultura nacional e as tais "guerras culturais", sem fazer menção ao papel fascista e truculento do ditador na história do Brasil. (p.135)

Agora, Burke afirma que sua preocupação principal é a cultura da política, no sentido de que cultura e política nem sempre se excluíram na atividade dos historiadores da cultura. Cita como exemplo disso, Burkhardt e Bloch. (p.135)

Em seguida, traz a tona a obra de Edelman, *Politics and Symbolic Action* (1971), que ao "examinar rituais ou quase-rituais políticos", realiza uma "virada cultural". Também cita novamente Lyons em sua abordagem cultural para a "conturbada história política da Irlanda". (p.135)

Buke, agora, comenta o surgimento de novos termos técnicos com um deslocamento de abordagem. Cita o surgimento do termo "cultura política" como uma "necessidade de ligar os dois domínios". (p.135)

Segue seu pensamento sobre as relações entre história cultural e história política citando, como antes, textos e autores: Lynn Hunt (*Politics, Culture and Class in the French Revolution* - "... onde a autora focaliza práticas simbólicas, estudadas a maneira de Foucault" (p.136)), Grupo de Estudos Subalternos (Gramsi), liderado por Ranajit Guha: "A obra publicada pelo Grupo de Estudos Subalternos é também diferenciada por sua preocupação com a cultura política, especialmente com a cultura que informa 'a condição subalterna'" (p.137); Shahid Amin, onde o autor examina a maneira em que política e religião (Bhakti) se associam (p.137)

Após isso, Burke afirma que ainda há "um grande número de temas importantes a espera por seus historiadores culturais" (pp.137-138). Sugere algumas leituras que envolvem política.

[Devido à extensão do fichamento passo a uma anotação mais sumária]

A HISTÓRIA CULTURAL DA VIOLÊNCIA.

Aqui, Burke aborda as questões da guerra, da força militar e do terrorismo, no contexto da expressões de emoções forte.

A HISTÓRIA CULTURAL DAS EMOÇÕES

Citando a "Gaia Ciência" de Nietzsche, e voltando a Burkhardt e Huizinga, Burke elenca as tentativas de inserir as emoções no campo de estudo da história da cultura.

A HISTÓRIA CULTURAL DA PERCEPÇÃO

Aqui faz o mesmo em relação às pesquisas sobre a história dos sentidos. Cita vários exemplos e conclui clamando pela necessidade de uma história integrada dos sentidos, ou seja, uma abordagem que não seja deste ou daquele sentido, mas do espectro sensório do ser humano como um todo.

A VINGANÇA DA HISTÓRIA SOCIAL

Aqui, Burke vai discutir aquilo que talvez seja o ponto central da crítica à história cultural: o abandono do núcleo duro da História, perdendo territórios essenciais como política ou sociedade

FRONTEIRAS E ENCONTROS

Discussão sobre o tema da fronteiras culturais.

INTERPRETAÇÃO DOS ENCONTROS CULTURAIS

Discussão sobre a noção de encontros culturais.

NARRATIVA NA HISTÓRIA CULTURAL

Que lugar teria a antiga discussão sobre a história política internacional no campo da história da cultura?

CONCLUSÃO

Burke conclui nenhuma conclusão seria possível para seu livro.